

Democracia e revolução

Georges Labica

Démocratie et révolution. Paris: Le Temps des Cerises, 2002

VIRGÍNIA FONTES*

O livro de Georges Labica ainda não tem tradução brasileira. À primeira vista, é um livro surpreendente. Como os demais trabalhos de Labica, trata-se de um pensamento engajado, mas isso não basta para descrevê-lo. Decerto, poderíamos esperar um livro de filosofia ou de análise crítica, como tantas outras de suas publicações, mas isso seria ainda insuficiente para apresentar esse livro composto de ensaios reunindo diversos tipos de trabalho. Todas essas características estão presentes, mas há algo de especial neste livro: há uma atmosfera, uma espécie de clima que há algum tempo quase não frequenta as livrarias, tão raro ele vem se tornando no mundo editorial marcado pelo *business*, o qual tende a esterilizar o pensamento e a torná-lo uma espécie de massa homogênea e insípida.

Essa atmosfera peculiar nos concerne: ela transpira indignação e revolta. Há um termo em francês que,

aliás, figura na abertura do livro e é o mais próximo do estado de espírito que preside o trabalho – *enragé*. Com raiva, enraivecido, raivoso. Pensando nos revolucionários de 1789, *Democracia e revolução* é um livro raivoso porque *sabe* que não se deve mais calar a raiva que corrói as entranhas. Uma raiva que retoma a potência do sentimento e que, recuperando-o, propõe-se a levá-lo mais longe do que a lenta fermentação sofrida e silenciosa. Raiva que recusa a cegueira, pois tem clareza de sua rota, de seu caminho.

Como numa bela canção brasileira urdida contra a ditadura, a cólera é legítima. Ainda aqui, não se limita a uma cólera negra e aleatória, como a que assola as populações miseráveis do planeta: esta cólera tem cor – e ela é vermelha.

É assim, aliás, que Georges Labica apresenta o livro, num intróito intitulado “De uma cólera”, cólera que tem

* Professora do Departamento de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense.

cor – vermelha – e se dirige contra o sistema dominante, sistema da dominação, da opressão e da exploração que incessantemente suscita essa mesma cólera, que a nutre e regula suas irrupções. A violência contra esse sistema (e que ele mesmo desencadeia) não é cega e não pode se deixar cegar, não pode se deixar aprisionar na facilidade terrível do urro que esgota e fatiga.

Pois é assim que nos querem – estamos com raiva? Gritemos até cansar. Para isso – parece – se limita algo que nos é servido como se fosse... democracia. Gritem, gritem à vontade. Gritem mais alto e mais forte – forneceremos os microfones e a amplificação, a TV filmará e, se você gritar ainda mais forte, quem sabe terá seus minutos de fama, parecem nos dizer. Desde que tais urros permaneçam apenas recheados de falsa cólera, daquela que respinga impotência; desde que a raiva se reduza à irmã gêmea do silêncio. É, aliás, muito difundida na França uma caricatura (que se encontra também ampliada em diversos cartazes, à venda para turistas) na qual um personagem, caracterizado com roupas do século XIX, diz: “Ditadura é: cala a boca!” Em seguida, continua: “Democracia é: vai falando...” No desenho, o óbvio: pode falar o que quiser, não serve para nada. Georges Labica não aceita essa dicotomia limitada e, para superá-la, exige pensar a revolução.

O livro não trata de filosofia e de pensamento histórico, como tantos outros que Georges Labica escreveu – sobre Ibn Khaldoun, sobre Ibn Tufayl,

sobre Robespierre (*Robespierre, une politique de la philosophie*, Paris, PUF, 1990, traduzido em diversas línguas), sobre Lênin (*Lénine, le cahier bleu*, Bruxelas, 1977), ou ainda como o cuidadoso trabalho, este traduzido em português e editado pela Jorge Zahar, em 1990, sobre *As “Teses sobre Feuerbach”, de Karl Marx*. Também não é uma obra de sistematização, como o monumental *Dictionnaire Critique du Marxisme*, organizado por Georges Labica juntamente com Georges Bensussan, cuja segunda edição, ampliada, data de 1985 e que não encontrou ainda tradução brasileira (embora já tenha sido traduzido para o alemão, o árabe e o espanhol).

Democracia e revolução deve sua existência a uma vida dedicada ao estudo e à sistematização. Uma vida cujo percurso permite a exigência da indignação aliada à clareza da exposição de suas razões. Mas vai além. Exige retomar pensamento e sentimento.

Mas afinal, em que consiste o livro, depois de tanto suspense? Numa coletânea de artigos, alguns publicados em revistas e periódicos franceses e internacionais (um dos artigos, inclusive, foi originalmente publicado na revista *Tempo*, do Departamento de História da UFF, em 1996), acrescido de artigos originais. O conjunto incorpora ainda uma série de escritos em forma de poesia. Poesia raivosa e corrosiva. Poesia de nosso tempo, que retoma a exigência revolucionária.

Democracia e revolução começa retomando uma tese de Labica formu-

lada no dia seguinte à queda do muro: não se trata de uma catástrofe, mas da libertação do marxismo pois, longe de significar seu proclamado fim (tão desejado por alguns), permitiu sua libertação das formas limitadas e dogmáticas, recolocando sua atualidade através da renovação de suas exigências fundamentais: a arma da crítica e a identificação das vias de transformação, necessariamente revolucionárias. Em diferentes artigos, analisa as categorias de massas, povo, soberania, comunismo, nação e república, de público e de privado. Sua análise é atenta para o longo percurso lingüístico e social de que tais noções estão recobertas e para os domínios mal circunscritos e incertos nos quais vêm sendo encerradas. Torna-se capaz, assim, de reacender as fagulhas revolucionárias que se ocultam sob uma longa história na qual tais termos vão sendo esvaziados de seu significado real, da vida onde se trava a luta social e a luta política.

Em estimulantes jogos de palavras, expõe de maneira dramática o midiático consenso que nos é imposto na atualidade, consenso diluidor do conflito e da luta e que se esmera em pasteurizar, em eliminar a riqueza das próprias palavras, esvaziando-as de sua longa história e do fio cortante de lâmina que encerram.

Retoma temas como o direito (que direito? que direitos?), o legal e o ilegal para escarafunchá-los, evidenciando o quanto de violência aberta se oculta em palavrórios que, no fundo, nada mais são do que uma nova capa a

cobrir a velha e conhecida fórmula de tornar ilegais as práticas populares (e revolucionárias), impondo “novas” regras jurídicas, limitados àqueles que detêm os meios de expropriação da maioria e obscurecendo a crescente interpenetração entre crime e riqueza.

Desde a transformação da coleta de lenha tradicional das comunas em “roubo”, exposta por Marx, em clássico artigo publicado na *Gazeta Renana*, o procedimento é recorrente. Temas ligados a direitos às vezes nos parecem distantes, quase um problema europeu (uma vez que por aqui impera a velha máxima “aos amigos tudo, aos inimigos, a lei”, agora incorporada por aqueles que se diziam... defensores do público). Temos na atualidade brasileira exemplos suficientes da criminalização das conquistas populares e da imposição de “direitos” legais como ato de força. Situações como massacres em penitenciárias ou de fuzilarias e extermínios em favelas são recorrentes e brutais. Mas há também exemplos mais refinados. Recentemente, no Departamento de História da UFF – instituição considerada exemplar – tal expropriação foi novamente posta em prática, lembrando os velhos tempos de Eremildo Viana à frente da desmontagem da antiga Faculdade Nacional de Filosofia, nos tempos da ditadura... Na UFF, alunos (e boa parte dos professores) queriam manter um direito tradicional – conquistado ainda sob o tacão militar – de uma representação ampliada no fórum departamental. Com base na “lei”, uma

metade do departamento golpeou a outra metade (e aos alunos), cassando a tradição. Com isso, bloquearam o que deveria ser público e aberto: o acompanhamento da maioria sobre o cotidiano universitário, o conhecimento e as possibilidades de controle sobre as seleções de professores e de concursos públicos... Nada mais atual, portanto, do que denunciar e expor as entranhas das formas pelas quais, na atualidade, impõem-se juridicísmos de cunho redutor.

Ao final, um artigo esclarecedor e que justificaria, por si só, a leitura do livro. Um originalíssimo texto escrito em colaboração entre Georges e Thierry Labica. Pai e filho, Georges e Thierry (professor universitário de literatura inglesa e músico) trabalham no fio de corte da lâmina revolucionária, exigindo-se repensar o conceito de revolução na atualidade. Para fazê-lo nos recolocam em nossa ambiência social contemporânea. Lastreados em impressionante bibliografia recentemente publicada na França e outros países da Europa e nos EUA, expõem como a pesquisa contemporânea denuncia e desvela o horror do capitalismo contemporâneo. O uso desse imenso material, acrescido ainda de volumosas fontes pesquisadas na imprensa diária e semanal, não se volta para uma erudição hermética, mas procura recuperar o conjunto da experiência cotidiana atual, cada vez mais internacionalizada – e portanto, cada vez mais próxima e partilhada, apesar da distância geográfica entre os países – na sua estreita conexão com a internaciona-

lização do capital e com o neoliberalismo. Recusam-se a separar cultura, economia, política, subjetividade, cotidiano, mídia, violência e, ao apresentá-los, nos mostram com crueza franca e aberta a violência capitalista da qual somos todos vítimas.

Neste artigo, retomam a concepção luckasiana de democratização para demonstrar o quanto a reivindicação democrática segue sendo a dos explorados e o quanto as impropriamente chamadas de “democracias-modelo” reduzem-se crescentemente, na atualidade, a uma ditadura aberta do capital, para dentro e para fora de suas fronteiras. Marx, Lênin, Gramsci, trazidos ao texto, nos lembram que não basta mudar o condutor da máquina capitalista, mas que é estritamente necessário acabar – quebrar, destruir – essa máquina. Não abrem mão da democracia, mas não se deixam iludir pela suposição de que o regime que impera nos países centrais circunscreva a democracia: ao contrário, evidenciam, com base especificamente no caso da França, o quanto a justiça permanece uma justiça de classe; o quanto o conhecimento segue sabotado pela mídia, completamente sujeitado ao grande capital; o quanto as pequenas conquistas de cunho democratizante vêm sendo ferozmente destruídas pelo sistema capitalista. Não abrir mão da democracia – demonstram – significa não abrir mão da revolução.

Não fazem concessões para as fraquezas e fragilidades – teóricas e práticas – no campo da esquerda ou do mar-

xismo. Também não aceitam reduzir o escopo da análise a uma única dimensão, enfrentando a multiplicidade de temas e a complexidade da homogeneização acachapante que vem sendo promovida pela mundialização e pelo neoliberalismo. Este texto permite restaurar o debate sobre a relação entre revolução e democracia num patamar *revolucionário* e, simultaneamente, alerta-nos quanto ao risco da retomada de dogmas. Não se pretende um texto final sobre o tema, nem traça o roteiro da revolução: abre-nos a possibilidade de pensar, de debater e, sobretudo, de avançar na análise de nosso tempo. Há, certamente, questões a debater e a criticar. Mas o livro faz o fundamental: baliza um campo consistente de reflexão no qual é preciso avançar.